

O TRABALHO FEMININO NOS TERNOS DE CONGO DA FESTA EM LOUVOR A NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO EM CATALÃO

(GO): persistências e resistências ao patriarcado

THE FEM WORK IN CONGO SUITS FROM THE FEAST IN PRAISE OF NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO IN CATALÃO (GO):

persistence and resistances of patriarchy

TRABAJO FEMENINO EN TERNOS DE CONGO DE FIESTA EN ELOGIOS DE NUESTRA SEÑORA DEL ROSARIO EN CATALÃO

(GO) : persistencia y resistencia al patriarcado

Marli José Tavares¹

marlitavares15@gmail.com

Carmen Lucia Costa²

clcgeo@gmail.com

Resumo

O objetivo dessa pesquisa foi de compreender e reconhecer o papel das mulheres que trabalham para a apresentação dos ternos de Congo na Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário, realizada em Catalão (GO). Sendo esta, uma festa popular que agrega em seu contexto três dimensões: religiosa; comercial e cultural, em todas as dimensões o trabalho feminino é essencial e está concentrado nos bastidores do evento, tendo assim, menor visibilidade. A investigação teórica aliada à pesquisa de campo constatou que essa invisibilidade faz parte da construção histórica da divisão de papéis para homens e mulheres, que ao longo do tempo associou as mulheres ao espaço privado, e os homens ao espaço público, uma coerção do modelo patriarcal, que ainda hoje está presente na sociedade, sendo mais notório através da divisão sexual do trabalho.

Palavras –Chaves: Mulheres. Patriarcado. Trabalho. Ressignificação.

Abstract

The objective of this research was to understand and recognize the role of women working for the presentation Suits of Congo (Ternos de Congo) in Festivity in Honor of Our Lady of the Rosary (Nossa Senhora do Rosário), performed in Catalão (GO). This a popular festival that brings in its three-dimensional context: religious, commercial and cultural, in all dimensions female labor is essential and it is concentrated in the event behind the scenes, and thus, lower visibility. The theoretical research combined with practice research found that this invisibility is a part of the historical construction of the division of roles for men and women. That over time associated women to the private space, and men to the public space, a coercion of the patriarchal model. That it is still present in society, and most notorious through the sexual division of labor.

Keywords: Women. Patriarchy. Work. Reframing

Resumen

El objetivo de esta investigación fue entender y reconocer el papel de las mujeres que trabajan para la presentación de los ternos de Congo en Festividad en Honor de Nuestra Señora del Rosario, que se celebró en Catalão (GO). La última es una fiesta popular que trae en su contexto tridimensional: religiosa; comercial y cultural en todas las dimensiones de trabajo de las mujeres es esencial y se concentra en el marco del evento, y por lo tanto menos visible. La investigación teórica combinada con la investigación de campo encontró que esta invisibilidad es parte de la construcción histórica de la división de roles entre hombres y mujeres, que con el tiempo asociados mujeres al espacio

¹ Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Goiás (UFG).

² Professora do curso de Geografia da Universidade Federal de Goiás (UFG).

privado, y los hombres en el espacio público, una coacción del modelo patriarcal que todavía está presente en la sociedad, y más notorio a través de la división sexual del trabajo.

Palabras Clave: Mujeres. Patriarcado. Trabajo. Replantando.

INTRODUÇÃO

O presente estudo faz parte de dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás- Regional Catalão, nível Mestrado, e tem como objetivo reconhecer a persistência e resistências ao patriarcado nas manifestações culturais, através de análise do espaço-tempo das mulheres nos ternos de Congo da Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário em Catalão (GO). Sendo esta, uma festa popular que acontece há mais de 130 anos e é constituída por três dimensões: religiosa, cultural (congadas) e econômica, tendo participação efetiva das mulheres em todas as dimensões.

A pesquisa foi direcionada pela vertente da geografia crítica, que faz parte das ciências sociais, tendo como compromisso, a produção de teorias que interpretem a realidade por meio das visões de mundo que coexistem na sociedade. Dentre as concepções que norteiam o modo de vida, está o patriarcado, que se institucionalizou ao longo do tempo acentuando a subalternidade feminina em relação ao masculino. Para compreender esse modelo é preciso se ater à relação entre teoria e prática, uma vez que os sujeitos não são apenas receptores de modelos e concepções, mas, sim, agentes atuantes. Somente as ideias não mudam o mundo, para que haja mudança é preciso submeter-se a prática, assim homens e mulheres reproduzem ideias, bem como resistem e transformam modelos que regem a sociedade.

Dentre as ciências sociais que se dedicam à compreensão e à transformação do mundo está a Geografia, que tem como objeto de estudo o espaço geográfico e tudo o que o compõe. Assim sendo, a Geografia é uma ciência que compreende, também, os agentes que produzem o espaço, possibilitando uma discussão acerca das relações sociais, sendo, portanto, pertinente à temática do presente estudo, uma vez que abrange as questões de gênero, religião, cultura, trabalho e território.

Diante de uma questão abrangente, e tendo coerência de que uma pesquisa nunca traz uma verdade absoluta e acabada, as indagações acerca do papel das mulheres na sociedade se tornam cada vez mais instigantes. Compreender o papel das mulheres hoje na

sociedade, exige um conhecimento da constituição desse modelo que vem se firmando desde a era primitiva, que é o patriarcado.

Durante muito tempo, a mulher foi representada na sociedade como um ser humano frágil em relação ao homem, passando a acreditar que essa característica era algo inato a elas e que, por si só, justificava a submissão. Ao analisar o contexto histórico das mulheres, na literatura e principalmente na ciência, percebe-se que, quase sempre, elas ocuparam o lugar de exclusão ou inferioridade. E não poderia ser diferente, uma vez que até o século XIX as mulheres não possuíam, nem mesmo, o direito à educação básica.

Com início do Movimento Feminista no século XIX começou-se a lutar por uma participação mais efetiva das mulheres na sociedade. O sentimento de luta passou a fazer parte da vida de muitas mulheres, que reivindicaram frente às instituições públicas o direito ao voto, à educação, ao divórcio e ao trabalho assalariado. O movimento feminista colocou as mulheres em evidência, apresentando outra parte da população, que é a responsável por ações essenciais para a produção e reprodução humana, bem como despertou a visibilidade para outras identidades de gênero, estimulando estudos que colocam em voga as discussões sobre o respeito aos direitos humanos, sexuais e às diferenças.

Um movimento em favor da história das mulheres eclodiu no Brasil, a partir de 1970, nas ciências sociais, durante a denominada segunda onda do movimento feminista. De acordo com Ribeiro (2014), a primeira onda foi no século XIX, com reivindicações políticas, como o direito ao voto. Mais expressiva, certamente pelo contexto mundial do pós-guerra, em um segundo momento, o movimento feminista no Brasil, além de buscar mais valorização da mulher, destacou-se pela luta contra a ditadura. Ganhando espaço na mídia, chegando assim a vários setores da sociedade, outro destaque foi a grande participação de professoras universitárias.

De acordo com Ribeiro (2014), na década de 1990, surgiu um novo movimento feminista, em que as preocupações estavam na discussão dos paradigmas das outras ondas, ampliando os olhares para as especificidades das mulheres, direcionando os estudos com recortes de raça e classe, por exemplo. Como a própria denominação diz é um movimento, e está em construção.

Na realidade, muito ainda precisa ser feito para se conhecer o papel da mulher na sociedade, tornando visíveis as ações das mulheres na história, que, durante muito tempo, ficaram silenciadas. Perrot (2013) analisa esse silêncio e aponta que o mesmo foi oportuno para a invisibilidade feminina associada a simbologias que justificassem uma divisão entre homens e mulheres

Elas atuam em família, confinadas em casa, ou no que serve de casa. São invisíveis. Em muitas sociedades, a invisibilidade e o silêncio das mulheres fazem parte da ordem das coisas. É a garantia de uma cidade tranquila. Sua aparição em grupo causa medo. Entre os gregos, é a *stasis*, a desordem. Sua fala é indecente. ‘Que a mulher conserve o silêncio, diz o apóstolo Paulo. Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. E não foi Adão que foi seduzido, mas a mulher que seduzida, caiu em transgressão’. Elas devem pagar por sua falta num silêncio eterno. (PERROT, 2013. p. 17, grifos do autor).

O desejo por desvendar a lacuna que se criou na história em relação às mulheres foi intensificado na década de 1980, período em que as ciências sociais, de maneira geral, dedicaram-se com mais vigor às pesquisas voltadas para as mulheres enquanto sujeitos atuantes. O que não é uma tarefa fácil, pois as fontes são escassas e obscuras, uma vez que a história foi escrita essencialmente por homens. Mas, o paradoxo se fez, e do silêncio emergiu a voz de cunho íntimo, aguçando um questionamento quanto à realidade social das mulheres. A preocupação com o par dialético entre dominação e opressão, que camuflou por muito tempo as ações de resistência feminina, instigou pesquisadoras e também pesquisadores a encontrarem a origem, ou origens, do modelo social que se firmou.

HOMEM E MULHER: A CONSTRUÇÃO DE UMA SIMBOLOGIA

As relações de gênero sempre estiveram presentes na sociedade, mas com significações diferentes de acordo com o contexto histórico, e é assim que a humanidade caminha, circunstancialmente pelas ações sociais, econômicas, religiosas e culturais, formando, desse modo, o espaço vivido. Este é produzido por sujeitos que fazem parte do movimento social e das diversas dimensões que ocupam dentro de uma ordem estabelecida.

A compreensão desta ordem implica conhecer a formação da sociedade e da divisão dos papéis para homem e mulher que foi se firmando ao longo do tempo. O homem representa a virilidade, um ser forte e protetor, assim, em detrimento à representação feminina, ele é considerado naturalmente superior, formando então uma hierarquia.

A hierarquia está nas relações sociais, apontando um poder desigual marcado pela supremacia masculina em relação ao feminino, e que se torna ponto de partida para a

formação da ordem social, caracterizada pelo modelo patriarcal. De acordo com Engels (2002), a constituição desta ordem está na organização do trabalho e da família.

Desde a era primitiva, há uma divisão sexual do trabalho, iniciando assim as territorialidades de afirmação/negação dos gêneros. Engels (2002), em sua obra, faz uma leitura da história das mulheres desde os tempos primitivos, em que a terra era comum e as técnicas para o trabalho ainda rudimentares. A mulher ficava no lar, cuidava das crianças e a maternidade era, e é, o ponto central da diferença dos corpos, o que se torna uma questão social, mesmo para aquelas que não têm filhos “[...] a função materna é um pilar da sociedade e da força dos estados, torna-se um fato social.” (PERROT, 2013, p. 69).

Os modelos de família vão se formando e transformando. Engels (2002) apresenta as transformações desde o modelo primitivo, que é caracterizado por um comércio sexual promíscuo, passando pelos modelos: consanguíneo, punaluana, sindiásmica, chegando então ao modelo que permanece até os dias atuais, o patriarcado, que foi se afirmando juntamente com a acumulação de riquezas

[...] as riquezas, à medida que iam aumentando, davam por um lado, ao homem uma posição mais importante que a da mulher na família, e por outro lado, faziam com que nascesse nele a idéia de valer-se desta vantagem para modificar, em proveito de seus filhos, a ordem da herança estabelecida. Mas isso não se poderia fazer enquanto permanecesse vigente a filiação segundo o direito materno. (ENGELS, 2002, p. 59).

A propriedade privada aparece neste contexto por meio de um senhor e seus escravos, em que o homem era proprietário não só da terra, mas de outros homens e também da mulher. O sentido de posse iniciado naquele momento permeará as relações entre feminino e masculino, estabelecendo regras e delimitação de espaços e funções. Daí em diante, o homem passa a ocupar, cada vez mais, um lugar de destaque no convívio social, e à mulher cabe ainda o espaço privado e as funções que ali se realizam, que passaram a ser de menor prestígio.

A sociedade vai se formando através de um movimento que inclui a divisão de classes: senhores, escravos, homens, mulheres, o que, por sua vez, propiciou um domínio de decisão social àqueles que detinham mais riqueza, ou os meios desta. De acordo com Engels (2002), é o surgimento do Estado como resultado de um processo pelo qual a classe economicamente mais forte, isto é, a que detém os meios de produção decisivos, exercita seu poder sobre determinada sociedade.

O Estado se institucionalizou juntamente com o modelo patriarcal, afirmando uma ideia de relação hierarquizada, em que os seres são socialmente desiguais. Foucault (1979) apresenta a ideia que se tem daquele que governa

[...] governar um Estado significa, portanto, estabelecer a economia ao nível geral do Estado, isto é, em relação aos habitantes, às riquezas, aos comportamentos individuais e coletivos uma forma de vigilância, de controle tão atenta quanto ao pai de família. (FOUCAULT, 1979, 281).

Aquele que protege, que cuida, a figura masculina, é que é o mais forte. É como se o espaço destinado à mulher, o privado e não o público, onde se realiza o poder do Estado, fosse algo natural e não uma construção social. O patriarcado é uma superestrutura social, não tem corpo físico, mas sua presença é material, cotidiana. E o Estado determina e garante o patriarcado. Porém, há que se pensar que, quando se é necessário controlar, vigiar, é porque se tem uma relação de poder em constante movimento. Assim, há uma disputa de poder, mas com regras desiguais, pois são pautadas no patriarcado, esta luta se constitui, levando a uma aparência natural de um embate desigual.

Nesse sentido, vale ressaltar que é necessário pensar o patriarcado como uma relação de poder entre homens e mulheres, conforme Saffioti (2004, p. 46) esclarece: “[...] tampouco se considera correta a interpretação de que sob a ordem patriarcal de gênero as mulheres não detêm nenhum poder.” Há sim uma disputa de poder, que não deve ser apenas pela igualdade, pois esta serve para afirmar a dominação, haja vista que homens e mulheres são diferentes. O discurso da igualdade leva ao controle e à dominação. Isso acontece pela maneira que o patriarcado se consolidou, são séculos de dominação explícita e implícita, com uma habilidade crucial de se adaptar às transformações da sociedade, sabendo se (re)significar a cada momento. Uma das explicações para essa capacidade de mutação está na presença social e na coerção

Embora o patriarcado diga respeito, em termos específicos, à ordem de gênero, expande-se por todo o corpo social. Isto não significa que não existam violências praticadas em, por exemplo, sociedades coletoras. Mas o valor central da cultura gerada pela dominação-exploração patriarcal é o controle, valor que perpassa todas as áreas da convivência social [...] Ninguém, nem mesmo homossexuais masculinos e femininos, travestis e transgêneros, fica fora do esquema de gênero patriarcal. (SAFFIOTI, 2004, p. 122).

Não reconhecer esta dominação é alimentá-la, é disponibilizar lugares para que o patriarcado se espacialize cada vez mais, contribuindo para que a mulher continue no lugar de exploração. Um bom exemplo de “mutação” pelo qual passou o patriarcado é sua adaptação ao modo de produção capitalista. A partir do século XVI a mão-de-obra feminina, que não era reconhecida como contribuição efetiva na produção, é cooptada pelo modo de produção capitalista.

A princípio, a inserção feminina no mercado de trabalho representou uma grande conquista, a mulher assumiu um papel social representado até então pelo homem. É inegável que a mulher vem conquistando espaços ao longo do tempo, porém, a análise a ser desenvolvida deve se ater a toda complexidade das conquistas, buscando reconhecer a real condição feminina no mercado de trabalho e as influências do patriarcado neste segmento. Mas ainda é notória a desigualdade entre homens e mulheres no mercado de trabalho, e, de acordo com Roy (1999), a presença das mulheres no mercado formal ainda é bastante inferior em relação ao mercado informal, sendo este o de maior precarização, e é onde as mulheres estão em maioria.

A sociedade se constitui por campos que se interligam, trazendo consigo influências de modelos a serem seguidos, assim como no mercado de trabalho, também na religião há uma divisão de papéis entre homens e mulheres. No que tange a Igreja Católica essa divisão é facilmente visível. Mas como toda coerção gera resistência, também nesse campo percebe que as mulheres vêm ressignificando sua atuação.

MULHER E IGREJA CATÓLICA

Somente após diversas conquistas seculares das mulheres foi que as religiões começaram a repensar o papel feminino, haja vista que toda coerção, cedo ou tarde, acaba por irromper. Desvendar a situação feminina dentro das religiões é algo complexo, os relatos existentes foram realizados por homens, por isso a análise deve ser cautelosa, certamente há omissões, e até mesmo distorções.

Em se tratando do cristianismo, o documento mais antigo é a bíblia, e como todos sabem esta foi escrita por homens. Fiorenza (1995) é uma estudiosa do tema e autora recorrente neste recorte do estudo. Segundo a autora, no cristianismo primitivo se observa um movimento de inclusão dos segmentos sociais marginalizados pelos judeus, incluindo, a mulher

No movimento de Jesus, portanto, as mulheres podiam tornar-se discípulas, embora fossem socialmente marginais, religiosamente inferiores e quase sempre pessoas imundas do ponto de vista do culto. Jesus questionava radicalmente as relações sociais, hierárquico-religiosas e patriarcais. A autoridade de Jesus anula categoricamente qualquer relação de domínio dentro da comunidade cristã (Mt 23, 7-12) [...] Jesus rejeitou radicalmente todas as relações de dependência e dominação. Essa exigência de estruturas inclusivas e livres de domínio, no

movimento de Jesus, oferece a base teológica para o reconhecimento das mulheres como discípulas de pleno direito. (FIORENZA, 1995, p. 196).

Liderar missões cristãs, profetizar e apostolar fez parte do papel da mulher, isto aconteceu nos tempos de Jesus, pois nas tradições cristãs primitivas o que prevaleceu foi o poder dos padres, portanto, o modelo patriarcal e androcêntrico. Após a morte de Jesus, Fiorenza (1995) aponta que há um “silêncio lucano” em relação à participação feminina nas primeiras comunidades cristãs. A visibilidade feminina está justamente na ocultação dos relatos, as reuniões cristãs aconteciam nas casas, sendo denominadas igrejas domésticas. Para Johnson (1995), é bem provável que as mulheres também evangelizavam, além é claro de prepararem o local para as reuniões.

A relação da mulher com o cristianismo é contraditória e emblemática, e se acentua ao longo do tempo. O cristianismo se firma, sendo liderado por homens, a mulher aparece como uma “peça” do processo, sendo recorrentemente associada a figuras e personagens que atendessem ao contexto do momento. Em todas as associações, o que se destaca é o exemplo de mãe, ligada a ações divinas que se confundem com os processos de geração, alimentação, cuidado, clemência e misericórdia “[...] Invocada mãe por excelência, Mãe de Deus, Mãe de Misericórdia, Mãe do Consolo Divino, Nossa Mãe.” (JOHSON, 1995, p 55).

Durante a alta Idade Média, a mulher foi duramente massacrada, certamente, tem sido este o período de grande discriminação. O pensamento clerical, fundamentado nos “santos padres”, foi marcado pela misoginia e pela figura de Eva que corrompe e instiga a maldade. “[...] Foi pela mulher que começou o pecado, por sua culpa todos morremos”. (COYLE, 1999, p. 120).

A veneração à Maria era a repulsa ao corpo e à exposição da mulher ao público, à mulher era reservado o espaço privado, o doméstico, a reclusão. À Igreja era-lhes reservado apenas o direito da oração, negando-lhes o direito a pregar e governar. Mulheres como Maria Madalena e Joana D’arc não eram exemplos a serem seguidos, de acordo com Fiorenza (1995).

O poder da sociedade medieval estava nas mãos da Igreja Católica, com suas ordens religiosas, regras e normas sempre excludentes e rígidas. O que dizer então da inquisição? Período de exacerbação da perseguição à figura feminina e à heresia de bruxaria. Muraro (2000), em sua análise do *Malleus Maleficarum* (Martelo das bruxas), o famoso manual de diagnóstico das bruxas publicado no século XV, aponta que a inquisição foi uma tentativa da Igreja Católica de se manter no poder diante do desenvolvimento da

sociedade burguesa, que se fortalecia na crise econômica e política que desestruturava o sistema feudal.

Ou seja, a sociedade passava por uma transição social: mercantilismo, formação dos Estados Nacionais, restauração do Direito Romano. E a Igreja Católica, com sua rigidez, estava abalada. A inquisição foi uma tentativa de afirmação e reestabelecimento de poder, este essencialmente masculino. Freire e Sobrinho (2006) buscam compreender o porquê das mulheres serem o principal alvo da inquisição

Embora seja difícil recuperar traços de resistência por parte da mulher, devido ao silêncio que envolve todo esse fenômeno, poder-se-ia supor que a busca, pela mulher, de outras formas de conhecimento causou todo o ódio masculino. O que fez ser castigada por toda sua atuação e considerados 'bruxarias'. Toda essa repressão contra a mulher está contida, manifestada na obra de *Malleus Maleficarum* [...] (FREIRE; SOBRINHO, 2006, p. 54).

A partir do contexto da Idade Média, apreende-se que a caça às bruxas se deu por medo das mudanças que estavam ocorrendo, a mulher representava, naquele momento, a própria sociedade, que estava buscando uma nova maneira de organização social, contrária ao desejo da Igreja, que era de manter a velha forma.

É interessante pensar que, mais uma vez, as repressões vêm acompanhadas e respaldadas por figuras e personagens femininos que justificassem a posição da Igreja em coibir a atuação da mulher na sociedade. Eva, personagem bíblica que leva o homem ao pecado, é constantemente recorrida, estigmatizando a mulher e incitando o ódio.

Isto posto, pode-se afirmar que a resistência se fazia de ambos os lados, pois a Igreja resistia em reconhecer a mulher enquanto sujeito social. Uma herança do patriarcado, uma sociedade guiada por homens, tornando a mulher um ser inferior. Assim, a ação feminina se faz nas brechas, nos espaços permitidos. Destinadas ao espaço privado, é nele que as mulheres se manifestam e buscam o conhecimento do mundo. Fazer o parto, cuidar da criança, do idoso, certamente foram atos que instigaram a mulher à busca por saberes medicinais, por exemplo. Uma afronta aos homens, e a eles cabia o conhecimento científico, como a medicina.

A inquisição foi a expressão mais cruel de condenar e massacrar a mulher. Muraro (2000) aponta que mais de 100 mil mulheres foram queimadas vivas. Mas a Igreja não foi a única instituição de repressão na Idade Média, as classes "superiores", como os intelectuais e humanistas, também contribuíram para a inferiorização da mulher.

Vale ressaltar que nem mesmo as transformações nos ideais da Idade Moderna instigaram a liberdade feminina, o que se percebe são novas maneiras de repressão. A Igreja católica continuou com a mesma visão de submissão da mulher. O Concílio de Trento (1545-1563) reafirma a reclusão feminina, os trabalhos das religiosas deveriam ser feitos em conventos e não nas ruas em contato com a sociedade.

Este mesmo contexto estava presente no Brasil, onde a participação das mulheres na Igreja não foi diferente. Mesmo tendo um catolicismo “popular”³ sua atuação estava reservada à participação nos cuidados com a Igreja, ou se recluser em conventos e casas de recolhimentos. É importante ressaltar que essas “casas” recolhiam as mulheres sem a obrigatoriedade dos votos, de acordo com Azzi (1994). Não seria esta uma maneira de controlar o comportamento das mulheres que não seguiam a vida religiosa? Assim, regulamentavam o casamento e sufocavam a rebeldia feminina, mantendo-as submissas.

Todavia, no final do século XIX é possível visualizar uma inovação no papel da mulher na Igreja Católica e sua atuação no trabalho e na cidade. Muitas congregações religiosas foram surgindo no Brasil, certamente, um dos fatores que contribuíram para tal crescimento foi o abandono do Império e depois do Estado para com a classe mais pobre. Essas congregações atuavam na catequese, na imprensa, nas missões, na educação e na ação social.

A Santa Sé⁴ reconheceu que era preciso rever o papel da mulher diante do novo contexto

[...] a importância global da ação capilar por elas exercidas em todos os domínios do apostolado, mas também a necessidade de adaptar o antigo direito das religiosas, baseado numa reclusão muito rígida, às condições inteiramente novas da sociedade do século XIX [...] (AUBERT, 1975, p. 113).

Sem dúvida, as congregações femininas permitiram certo reconhecimento do papel da mulher na sociedade, porém, é perceptível que a atuação da mulher nada mais era do que a extensão do privado, ou seja, a atuação na área da saúde e da educação era a continuidade do trabalho doméstico, não havendo, portanto, um rompimento com a concepção andocêntrica.

Durante todo século XIX as congregações femininas se espalharam pelo Brasil e no início do século XX chegaram à cidade de Catalão (GO). Paim (1995) informa que em

³ A ausência de sacerdotes e a distância da Cúria Romana fez desenvolver um sincretismo religioso, com influências católicas romanas e de outras religiões, como a indígena e africana, gerando um catolicismo brasileiro, que foi denominado de ‘popular’.

⁴ É a jurisdição eclesiástica do Papa e forma o “governo central” da Igreja.

1921 as Irmãs Agostinianas Missionárias fundaram o Colégio Nossa Senhora Mãe de Deus, que até os dias atuais é dirigido por elas. O referido colégio, com seu modelo de educação rígida e com especial controle disciplinar, formava jovens mulheres com ênfase no aspecto doutrinário e sacramental, ou seja, diferente do modelo de catolicismo aqui predominante, que era o “popular”. Catalão (GO) participou da importação de ideias e comportamentos religiosos europeus, isso pode ser constatado por meio do Colégio Nossa Senhora Mãe de Deus, que aqui se instalou para atender ao apelo das famílias mais abastadas, preocupadas com a formação de suas filhas, como ressalta Paim: “[...] as famílias Fayad, Safatle e Sebba, se empenharam para trazer as madres agostinianas da Espanha [...]” (PAIM, 1995, p. 7).

O Brasil sempre foi um receptor da cultura europeia, na religião não foi diferente. Desde o Império estreitou suas ligações com Roma, isso se deve ao processo de Romanização⁵, que é um exemplo claro da negação da realidade brasileira e uma valorização do modelo europeu, especialmente da Igreja de Roma.

O Brasil se dinamizava, as cidades cresciam e queriam seguir o progresso a qualquer custo, as transformações do século XIX, juntamente com as consequências da exploração do capitalismo, atingiram toda a sociedade. A mulher continuava a ocupar um lugar distinto do homem; enquanto este tinha livre acesso ao espaço público e privado, a mulher estava restrita à vida privada. Porém, a sociedade brasileira exigia mais dinamização do gênero feminino, o que não significa uma mudança grande no patriarcado, e sim a participação feminina no espaço público com as mesmas características da função da mulher no espaço privado, uma vez que o espaço público era dimensionado para a participação da mulher na sociedade.

Dessa maneira, a educação sistematizada não deveria mais estar tão distante das mulheres. Certamente, ser professora era a profissão que aparentemente não se confrontava com o casamento e com os “deveres femininos”. Segundo Louro (2000), aos poucos as mulheres brasileiras se inseriam no meio letrado, que antes estava, prioritariamente, reservado aos homens

as escolas normais se enchem de moças. A princípio são algumas, depois muitas, por fim os cursos normais tornam-se escolas de mulheres. Seus currículos, suas normas, os uniformes, o prédio, os corredores, os quadros, as mestras e mestres, tudo se faz desse um espaço destinado a transformar meninas/mulheres em professoras [...] (LOURO, 2000, p. 454).

⁵ No final do segundo reinado surgiu, no Brasil, um movimento dirigido pela hierarquia eclesiástica, cujo objetivo era colocar não só o Brasil, mas também o mundo, sobre a direção da Santa Sé - que é o mesmo que Igreja de Roma.

A inserção da mulher na vida pública da sociedade acontecia sem grandes rupturas, mesmo porque a sociedade brasileira, como demonstrada, também seguia o modelo patriarcal. O homem era figura central, tudo girava em torno do masculino. A economia, a política e a religião eram administradas pelos homens.

A maneira que a mulher encontrou para ser atuante na sociedade, na primeira metade do século XX, em uma cidade do interior de Goiás, foi a extensão do privado, ou seja, por meio da educação, saúde e obras sociais. Educação e religião são aliadas para a “preparação” da nova mulher exigida pelo progresso. Percebe-se que o papel da mulher não foi repensado e sim moldado de acordo com o atual contexto, que não trazia novas concepções, mas sim uma restauração do modelo preexistente.

A restauração deveria ser mais incisiva em algumas regiões, especificamente no Estado de Goiás, onde o catolicismo de caráter popular e devocional era e ainda é presente, como exemplo se têm a realização de festas em louvores a santos, como a Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário, realizada em Catalão.

O Brasil desenvolveu um catolicismo próprio, oriundo do contato que os jesuítas e colonos estabeleceram com os índios. Chauí (2001) aponta que a religiosidade popular no Brasil atingiu de forma distinta o meio rural e o meio urbano. O catolicismo rural apresentava uma herança do padroado, uma noção de cristandade pautada na relação de confiança e troca, essas relações ganhavam força com a ausência dos representantes oficiais da Igreja.

Todo esse contexto incentivou os leigos ao desenvolvimento religioso de suas comunidades por intermédio da formação de irmandades, festas em louvores a santos, romarias. Catalão, mesmo como referência de desenvolvimento urbano no início do século XX, como aponta Palacín (1994), apresentava fortes traços de um catolicismo popular rural.

A Igreja interviu neste processo, colocando a mulher como intermediária. Educar implicava em ensinar conceitos e detalhá-los, e a religião era uma maneira de difundir e estipular regras a serem seguidas, podendo até entrar no campo científico, nutricional, filosófico, e, sobretudo, comportamental, dependendo da religião. Por isso existem escolas religiosas Judaicas, Católicas, Islâmicas, para que as crianças desde a mais tenra idade possam ter inculcados os preceitos da religião e viver segundo os mesmos.

No decorrer do século XX, a igreja católica se preocupa mais com as questões sociais, em especial, com a América Latina, que sempre teve maior contingente católico. Wise (1994) destaca que no Brasil a igreja passou por grandes transformações desde que o

catolicismo deixou de ser a religião oficial com a Proclamação da república em 1889. Diante disso, movimentos messiânicos, falta de sacerdotes e o crescimento de outras religiões contribuíram para a restauração (como já mencionando). Assim, há um envolvimento maior por parte da igreja católica com o cotidiano de seus fiéis, estando mais presentes em seus problemas econômicos e sociais. Foi neste contexto que surgiu a teologia da libertação, um movimento pastoral que envolve os membros da igreja com as questões sociais. Este movimento tem grande participação feminina.

A gênese da Teologia da Libertação está no fervoroso ano de 1950, quando as teorias marxistas, com ênfase na redistribuição de riquezas, invadiram a América do Sul com seus milhares de pobres relegados à exclusão e ao sofrimento. A expressão “Teologia da Libertação” foi criada pelo teólogo peruano Gustavo Gutiérrez em 1971 e sua centralidade está no pobre. No Brasil, o expoente desta teologia é Genézio Darci Boff, mais conhecido pelo pseudônimo de Leonardo Boff (2009). É a ele que o estudo recorre para se conhecer o cerne da Teologia da Libertação

opunctumstantis et cadentis da Teologia da Libertação é o pobre concreto, suas opressões, a degradação de suas vidas e os padecimentos sem conta que sofre. Sem o pobre e o oprimido não há Teologia da Libertação. Toda opressão clama por uma libertação. [...] A Teologia da Libertação partiu diretamente dos pobres materiais, das classes oprimidas, dos povos desprezados como os indígenas, negros marginalizados, mulheres submetidas ao machismo, das religiões difamadas e outros portadores de estigmas sociais. (BOFF, 2011, s/p)

O caminho para a superação das desigualdades está respaldado na Teologia da Libertação, buscando-se uma nova forma de interpretação dos textos bíblicos. E a mulher se insere neste contexto, pois a Teologia da Libertação abre um espaço para maior participação feminina, através da inserção nas Comunidades Eclesiais de Base (CEB's)⁶, espaço em que as mulheres são convidadas a assumirem atividades eclesiais, como, por exemplo, as celebrações coordenadas por mulheres, em lugar da missa, o que, para Azzi (1977), foi uma relativa autonomia.

É importante ressaltar que, mesmo com maior ação e liderança feminina nas comunidades, há muito que transformar para o reconhecimento efetivo do papel da

⁶ São comunidades com objetivo de aproximar a Igreja à realidade dos fiéis, através da hermenêutica buscam a interpretação da Bíblia associada à realidade do momento. Surgiu com o respaldo do Concílio do Vaticano II (1962 a 1965), com apoio da Teologia da Libertação e das Conferências católicas de Medellín (1968) e Puebla (1979). Não por coincidência a ênfase aos pobres e excluídos foi o caráter principal das Conferências, pois a América Latina vivia as consequências das ditaduras, da repressão e do abandono político e social. As CEB's possibilitou maior aproximação do povo às propostas de melhorias sociais e políticas (AZZI, 1977).

mulher, pois, mesmo sendo explícita sua participação, infelizmente seu discipulado ainda não é reconhecido pela hierarquia clerical.

As transformações na Igreja, desencadeadas a partir de 1950, foram significativas em relação à mulher, todavia, é necessário salientar que a participação feminina na Igreja e na sociedade sempre existiu de maneira incisiva. Gebara (1990) chama a atenção para estas transformações que trouxeram uma maior possibilidade de se conhecer a realidade da mulher na história

a emergência das mulheres nas sociedades e na Igreja não significa a entrada delas na história. Elas sempre estiveram presentes. Trata-se da irrupção de uma nova consciência das causas históricas da marginalização feminina, uma nova consciência que nasce de práticas concretas, leva a uma ação transformadora e a uma mudança na compreensão do ser mulher. (GEBARA, 1990, p. 12).

Dessa maneira, à medida que as mulheres cristãs adentraram os movimentos sociais contra a pobreza e a favor da luta por melhores condições de vida, elas também se aproximaram dos movimentos feministas, que possibilitaram maior conhecimento das questões de gênero.

Os ganhos foram inegáveis, todavia, fica claro que a Igreja continua mantendo a mulher fora dos espaços de decisão, sendo estes destinados ao homem, reafirmando assim o patriarcado. A Igreja exerce grande influência sobre a sociedade e usa sua influência a favor do homem, faz isso com interpretações bíblicas que ainda se mantêm como “verdades” justificadas. O homem foi criação primária e a mulher veio dele, além de todas outras associações mencionadas. Tudo isso fortalece a ideia de que o sexo feminino é frágil, portanto, inferior.

Na religião, a submissão feminina é menos questionada, mantendo o homem, ao longo do tempo, na posição de decisão. O clero, da Igreja Católica, que surgiu ainda na Idade Média, continua formado apenas por homens. É no alto clero que surgem as decisões que direcionam o comportamento de homens e mulheres na Igreja Católica. Assim sendo, afirma-se que tanto no mundo do trabalho quanto na Igreja, a atuação feminina ainda é predominante nos bastidores. Mesmo em constante contato com a realidade social, ela não tem uma participação nas decisões.

Diante do exposto, observou-se que o patriarcado ainda tem força na família, no mundo do trabalho e na religião, como o catolicismo. Assim, para melhor desenvolvimento do estudo, necessita-se compreender o papel feminino na cultura, especificamente na Festa de Nossa Senhora do Rosário em Catalão, um espaço-tempo que agrega três dimensões: religiosa, econômica e cultural, e que certamente as mulheres estão atuantes em cada uma

delas. É esta atuação que a pesquisa analisa, através dos ternos de congo, para alcançar o movimento feminino.

A FESTA EM LOUVOR A NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO EM CATALÃO (GO): ORIGEM, ESTRUTURA, PREPARAÇÃO E ATUAÇÃO FEMININA

No ano de 2014, na segunda semana do mês de outubro, foi realizada a 138ª edição da Festa, um evento que reuniu em seu contexto três dimensões: religiosa, cultural e econômica. Todos e todas que dela participam adentram um universo diferente, que, segundo Amaral (1998), é uma característica comum a todas as festas

a Festa – esses eternos rituais que acompanham o homem em momentos suspensos extraídos da linearidade do tempo do cotidiano- tem muitas modalidades, mas seja qual for a sua forma de expressão, os momentos de lazer proporcionados por elas, têm sempre, um caráter participativo e a forma de conviviabilidade que ela cria e reforça os laços sociais. O tempo vivido na festa é um tempo extraído do cotidiano porque cria um movimento que permite o distanciamento das preocupações, principalmente aquelas decorridas do trabalho e/ou o medo de perdê-lo. (AMARAL, 1998, p. 52).

Esta complexidade das festas é capaz de apresentar no campo simbólico e na aparência algumas contradições da vida social, aparecendo como mediadora das diferenças. Tão antiga quanto o próprio ser humano, a festa é o espaço-tempo onde se busca promover o bem-estar, a vida ideal, ou o contrário da vida cotidiana. Para Bakhtin (1987), a festa é uma forma primordial da civilização e, por isso, não se pode explicá-la segundo princípios pragmáticos. No entanto, a festa é, também, muito trabalho e está na vida cotidiana dos que a preparam.

A Festa é bastante antiga e têm suas raízes ainda no Império. A colonização européia, que tinha como respaldo o caráter religioso, trouxe para a América Latina as devoções a Santos e Santas, e, do confronto religioso e cultural, surgiram as “bricolagens”⁷. E o choque cultural entre europeus, indígenas e negros criou novas expressões. Um exemplo foi o denominado catolicismo popular desenvolvido no Brasil e já mencionado no presente estudo no capítulo anterior. “As Nossas Senhoras” são figuras que representam esse catolicismo e estão espalhadas pelo mundo ocidental, sendo a santa nomeada de acordo com o contexto local: Nossa Senhora de Guadalupe, Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora do Rosário, dentre tantas outras.

⁷ Na antropologia, o termo bricolagem é usado para nomear a junção de elementos existentes com elementos novos, gerando uma nova situação.

Nossa Senhora do Rosário, padroeira da cidade de Catalão (GO), é uma denominação que antecede a expansão marítima da Europa em busca de novas terras, no início do século XV. “O patrocínio de Nossa Senhora do Rosário era invocado pelos devotos brancos em favor dos que iam à África tratar com negros” (SOUZA, 2002, p. 162). A colonização na África, assim como na América Latina, contou com a imposição de ritos religiosos do catolicismo romano, e a devoção à Senhora do Rosário era uma maneira de colocar os negros na prática do catolicismo, como por exemplo, por meio da oração do terço. Porém, houve resistência dos colonizados em aceitar a imposição religiosa como os europeus queriam. A reverência à Santa católica se deu através do acréscimo de elementos típicos da cultura negra.

A coroação de reis, lutas e gestos de guerreiros é a contribuição africana à devoção à Senhora do Rosário. Mas a expressão mais decisiva e que caracteriza de maneira mais incisiva a cultura negra é o Congado, que é composto por dois grupos nitidamente distintos, as guardas de Congo e o Moçambique.

Existem diferentes versões para a devoção dos negros à Senhora do Rosário, dentre elas está a de Jesus (2008) sobre a comunidade dos arturos⁸. Segundo o autor, as guardas têm fundamentação mítica e se formaram ainda na África, quando uma imagem de Nossa Senhora do Rosário apareceu no mar. O grupo do Congo foi ao encontro da imagem, tocando seus instrumentos, o que fez com que a imagem se movimentasse uma vez, caminhando para frente e parando. Então vieram os negros moçambiqueiros, batendo seus tambores, cantando para a Santa pedindo proteção e a Santa os acompanhou, o que explica, segundo a tradição, o fato de que somente esses grupos podem acompanhar a Santa.

Com o passar do tempo, as expressões de devoção, através do congado, ganharam força, demarcando posições, funções e adquirindo novos elementos. O Congo tem movimentos rápidos que abrem o caminho. O Moçambique é o responsável pela proteção da Santa e da coroa, que é levada pelos reis. Em Catalão (GO), existem também o catupé, vilão e marujeiro, transformações que se renovam também nas cores, sons, instrumentos, coreografias. Mas, um elemento é recorrente, de acordo com Costa (2012), todos os ritmos lembram o sofrimento durante a escravidão e a conquista da liberdade em terras brasileiras.

⁸ Arturos é uma Comunidade Negra, localizada no município de Contagem (MG), é composta por um grupo familiar coeso em uma estrutura sócio religiosa que aponta tradições ligadas à fé em Nossa Senhora do Rosário. Tal comunidade originou-se da história de Arthur Camilo Silvério, filho de escravos, nascido em 1851. Ele deixou para seus filhos os ensinamentos da cultura negra, principalmente a devoção à Nossa Senhora do Rosário manifestada através do congado.

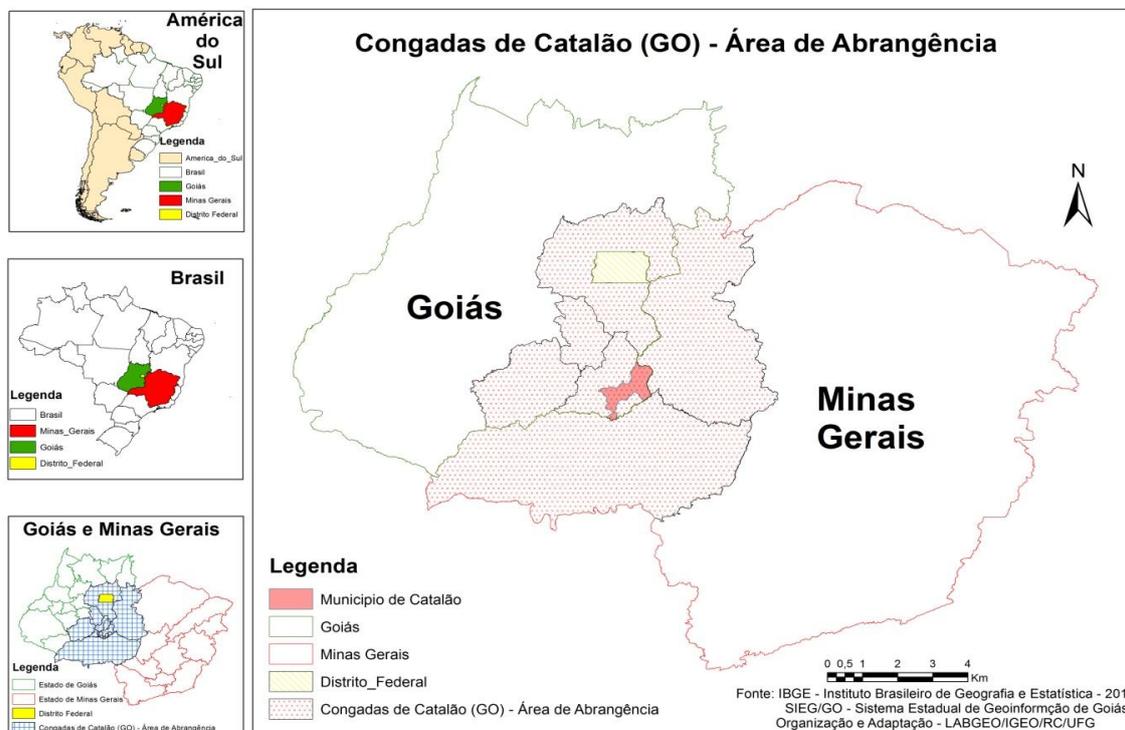
Dançadores e dançadoras cantam também as alegrias de se fazer a Festa ainda que com dificuldades. Assim, as festas em Louvor à Nossa Senhora do Rosário se desenvolveram em várias partes do país com características religiosas, culturais e também econômicas, uma vez que a reunião de pessoas gera consumo.

A junção de todas estas características faz das festas, em sua totalidade, um espaço-tempo diferente do cotidiano, mas que paradoxalmente está ligado a ele. Um local de expressão das frustrações que talvez sejam temporariamente superadas com uma proposição de vivência diferente da vida “real”. É o que demonstra a análise de Groppo (2005)

as festas são um dos fundamentos da própria humanização, ou seja, da capacidade humana de criar cultura, símbolos e identidades já que as festas permitem imaginar, ensaiar e até viver novos valores, novas formas de sociabilidade e novas relações com o mundo à nossa volta. (GROPPO, 2005, p. 11-12).

A Festa do Rosário em Catalão faz parte desta dimensão, criando novas formas de sociabilidade, com seus ritos, cultos e personagens. É o momento de vivenciar uma nova ordem que acontece em meio ao cotidiano da cidade (Figura 1).

Figura 1 - Abrangência das congadas de Catalão (GO)



ELAS ESTÃO POR TODA PARTE

O exercício da pesquisa norteia a vida do(a) pesquisador(a) e as reflexões se fazem além do recorte espaço-tempo. Compreender o papel das mulheres nos ternos de congo demanda um reconhecimento dos fatores que se interligam na composição de um contexto. Assim, fez-se necessário resgatar o processo de formação do papel feminino no mundo do trabalho e na religião, e não menos necessária a relação mulher e cultura, pois a Festa do Rosário envolve essas três dimensões.

As festas populares são capazes de criar funções que transformam as formas espaciais, visíveis ou não, definindo territórios que permitem à Geografia uma oportunidade de compreender os laços que interligam os agentes na composição destes. De acordo com Santos (2005, p. 255), a existência do território se faz através da dinâmica de cada lugar e está condicionada ao seu uso. “É o uso do território, e não o território em si mesmo, que faz dele objeto da análise social [...] o território são formas e o território usado são objetos e ações, sinônimo de espaço humano, espaço habitado.”

A análise do autor embasa estudos de território para além da delimitação de fronteiras, com ênfase na ação dos agentes, permitindo visualizar o movimento social. Partindo dessa premissa, é possível perceber que a Festa está interligada à sociedade. As práticas desenvolvidas no momento da Festa transcendem sua duração, bem como sofrem influências do cotidiano das pessoas e também influenciam esse cotidiano. Segundo Rosendahl (2012), as práticas podem ser entendidas como territorialidades e são estas que mantêm um território

territorialidade significa o conjunto de práticas desenvolvido por instituições ou grupos no sentido de controlar um dado território onde o efeito do poder reflete uma identidade e um sentimento de propriedade mútuo. A territorialidade é fortalecida pelas experiências coletivas ou individuais que o grupo mantém no lugar e nos itinerários que constituem seu território. De fato, é pelo território que se encarna a relação simbólica entre cultura e espaço. (ROSENDAHL, 2012, p. 24).

O fortalecimento do território está na ação dos indivíduos que o compõem, assim, quanto mais se praticam certas ações, mais estas se fortalecem. O que não significa uma condição estática e acabada, haja vista que as territorialidades estão em movimento, e trazem transformações e ressignificações que podem ser lentas e/ou mascaradas, tornando-se mais difícil sua visualização, entretanto, elas existem.

A luta pela especificidade de cada gênero está em processo de construção e ainda há muito que fazer. Até o momento, o que se percebe é que o papel das mulheres na

sociedade passou por grandes transformações, porém, ainda insuficientes para ruptura com o modelo patriarcal, pois este se apresenta mutável, assim, as mulheres se ressignificam, mas o patriarcado também. Um bom exemplo é a acumulação de jornadas que as mulheres obtêm a cada dia. Mesmo ocupando outras posições na sociedade, as mulheres continuam presas às funções de cuidadoras do lar e da família. Aquelas que participam dos ternos de congo retratam bem esta realidade, apresentada no sub-tópico a seguir.

Em se tratando de festa popular, e em específico da congada, que está numa dimensão cultural, a compreensão das ações dos sujeitos envolve uma atenção mais meticulosa. Durante as observações em campo e em contato com os (as) integrantes da congada, a palavra tradição foi apresentada com frequência. Quando as indagações acerca da participação feminina nos ternos eram feitas, por diversas vezes, a expressão “é tradição” foi apresentada. De acordo com as análises anteriores, é possível afirmar que tradição pode estar associada à definição de papéis para homens e mulheres, que foi criada pelo modelo patriarcal, e vem se mantendo na sociedade, no caso, ocidental, ao longo do tempo, perpassando várias instituições.

Nesse sentido, faz-se necessário compreender o que é tradição, e a escolha da vertente a ser seguida é a de Hobsbawn (1997), que traz em sua obra uma análise sobre o desenvolvimento das tradições, e argumenta que, por vezes, as tradições são inventadas por grupo e/ou instituições para justificar certos comportamentos. O que é recorrente na persistência do patriarcado. A Festa do Rosário é um exemplo claro da inserção do patriarcado nas manifestações culturais por meio da tradição.

No entanto, sabe-se que na sociedade nada está definido, tudo que se inventa pode ser também reinventado ao longo do tempo. Hobsbawn (1997, p. 28) denomina essas práticas de “tradição inventada”, isto é: “[...] situações novas que assumem a forma de referência a situações anteriores ou estabelecem seu próprio passado por meio da repetição obrigatória.” Estas ganham legitimidade porque são criadas por pessoas do grupo que dominam os códigos da manifestação e, por isso, adquirem o direito de inventar tradições.

As entrevistas a seguir demonstram como as ações das mulheres na Festa são modificadas de acordo com o contexto de cada uma, ou seja, as práticas se modificam e podem ou não virar tradição.

Em entrevista realizada numa casa de congadeiros, como a própria família se descreve, uma senhora, de 55 anos, apresenta a Festa como uma repetição de atos, através do trabalho de se fazer a Festa

a época da Festa é só alegria, tempo de celebrar nossa mãezinha, reunir os irmãos, porque pra Nossa Senhora do Rosário nós é tudo irmão. Se nós trabalha? Trabalha demais, mas com alegria, que é a mesma de quando eu era pequena e ajudava minha mãe a enfeitar a roupa do papai e fazer as quitandas para receber os ternos. Tenho saudade de quando dançava, e minha alegria hoje é ver minhas duas filhas e meu neto dançando. Oh! Minha filha sem a Festa eu não vivo. (Informação verbal, pesquisa de campo, 2014)

Para a geração dessa senhora, a Festa é trabalho, e este, também no campo cultural, está inserido na divisão sexual em que homens e mulheres assumem funções específicas, como apresentou Engels (2002), Saffioti (2004), Scott (2002), dentre outros e outras, afirmando assim o patriarcado, que reserva às mulheres o espaço privado, que mesmo sendo primordial para a realização da Festa, é menos visível. Para dona Margarida, o trabalho na Festa é uma tradição, assim, as ações não são questionadas, apenas realizadas. Já a próxima entrevista apresenta outra concepção

nasci dentro do terno, comecei dançando na fila dos conguinhos, fui bandeirinha e hoje danço no meio. Nunca me interessei por nenhum instrumento, deve ser cansativo dançar e tocar. Pra mim o que importa é chegar e dançar, é essa parte da Festa que eu gosto. Já mudei de terno mais de uma vez, eu e muitas amigas, porque o capitão era rigoroso, não deixava a gente inovar nas coreografias, agora estou num terno que a gente dança bem mais à vontade. (Informação verbal, pesquisa de campo, 2014).

Nesta fala, uma dançadora de 29 anos, apresenta uma alteração no comportamento das mulheres nos ternos, que é o de questionar algumas imposições, buscando outros espaços, através de ações que ao longo do tempo poderão se caracterizar como tradição. Há um movimento de renovação dentro de alguns ternos, que é visível dentro da congada e vem ao encontro da análise de Hobsbawn (1997), sendo denominada “tradição inventada”, e, para a presente pesquisa, essa análise pode também ser compreendida como ressignificações.

O movimento de algumas mulheres provocou mudanças nos ternos, como aponta o presidente da Irmandade, que foi categórico ao afirmar a necessidade de inovação e mais abertura para as mulheres dentro dos ternos. À frente da irmandade há 10 anos, ele faz uma análise da participação feminina

a participação feminina é primordial para a festa, porque na década de 70 (1970) as mulheres eram mais esquecidas, com o passar do tempo as coisas vai evoluindo, a cidade vai crescendo, aí a rejeição que tinha, o preconceito, ele deixa de existir [...] se hoje ainda tem a congada nós devemos muito as mulheres, que ajuda e vem colaborar com essa festa que tem esse segmento. Tem terno mais tradicional, que não dá muita

abertura para as mulheres, mas é terno pequeno, você pode ver que os ternos mais bonitos que tem mais integrante, tem muita mulher. Eu mesmo já convivi com muito capitão que não faz nada sem a opinião da sua companheira, ou seja, as mulheres têm muita força nos ternos. Te digo mais, se não fosse as mulheres participarem nem sei se a congada teria crescido da maneira que cresceu, sendo reconhecida no Brasil inteiro. (Informação verbal, pesquisa de campo, 2014).

Durante a análise da entrevista o termo: “com o passar do tempo as coisas vai evoluindo”, usado pelo presidente, é um reflexo do movimento da sociedade, pois as mulheres sempre apresentaram resistência ao modelo estabelecido, mas a partir de meados do século XX, com a eclosão do movimento feminista, essas resistências se tornaram mais visíveis atingindo todos os campos sociais. Tanto na fala da dançadora de 29 anos quanto na fala do presidente da Irmandade é fácil notar que as mulheres vêm cada vez mais ressignificando seu papel, buscando espaços diferenciados.

As mulheres sempre estiveram presentes na congada, desempenhando um papel fundamental na manutenção dos grupos: dançando, organizando o espaço para receber os ensaios, cozinhando, costurando e/ou acompanhando filhos(as) e maridos, dando-lhes suporte para participação. No entanto, há uma ausência de maior visibilidade, o que não é uma prerrogativa do evento em si, mas um reflexo da ordem androcêntrica inscrita no mundo. Inserida nas coisas, a ordem masculina se apresenta de diferentes maneiras, das rotinas da divisão do trabalho aos rituais coletivos, é assim que se monta o congado.

O congado se revela como um espaço de poder, marcado por especificidades de gênero. As mulheres ficam no espaço tradicionalmente a elas reservado, isto é, nos bastidores do ritual, entretanto, o tradicional vai se modificando a partir dos conflitos que se originam neste mesmo espaço, pois o deslocamento das mulheres advém da contestação do que se exercita. Buscar por novas coreografias, tocar instrumentos, comandar ensaios, são ressignificações de papéis dentro dos ternos. À medida que as mulheres se ressignificam, a resistência do poder masculino vai diminuindo, uma vez que não existe distinção de raça, cor, gênero ou definição de ações no estatuto da irmandade.

Vale salientar ainda, que, mesmo com a afirmação na fala do presidente sobre “o preconceito deixar de existir”, é algo que merece análise, pois, na mesma entrevista, ele afirma que alguns ternos resistem às mudanças. As barreiras transpostas pelas mulheres ao longo do tempo na sociedade não apresentam uma ruptura total com alguns segmentos, como fica claro em relação ao campo do trabalho e da religião. As mulheres adentram novos espaços, mas com acumulação de funções, elas ainda são estigmatizadas como detentoras do trabalho doméstico, cuidadoras, responsáveis pelos filhos e maridos. E isso

caracteriza o preconceito, como se algumas tarefas só deveriam ser realizadas por mulheres.

As mulheres que são mães e querem participar ficam com a responsabilidade de cuidar dos filhos nos ensaios e mesmo durante as apresentações, a mesma cena é rara de ser vista com homens. Aquelas que não são mães, ou os filhos já cresceram, acompanham os conguinhos. Essas funções apresentadas nas imagens são um reflexo do espaço construído historicamente para as mulheres, são funções originárias do espaço privado.

Del Priori (2000) aponta que a construção binária público e privado promove uma separação, configurando o espaço público como espaço das funções de decisões mais importantes, relacionadas ao campo político, como se o exercício do poder fosse atribuído somente nele. Já o espaço privado se configura como o espaço da não política, das funções menos importantes, ligadas ao cotidiano.

Porém, Foucault (2002) faz reconhecer que o cotidiano está permeado de relações de poder, a que o autor denomina de micro poderes, estes estão diretamente ligados ao macro poder, às decisões com mais expressão na sociedade. O não reconhecimento desta relação dialética entre público e privado é que apresenta uma dissociação entre essas duas instâncias. Assim, as mulheres ocupam funções sem grande expressividade, mas, na realidade, o desempenho dessas funções tem papel importante no movimento da sociedade. E o congado é um reflexo dessa análise.

A participação das mulheres nos ternos de congo exige da maioria grande esforço, mesmo daquelas que não participam diretamente, dançando ou trabalhando na organização da Festa, como é o caso uma ex-esposa de um caixeiro, do Terno de Congo do Prego e, mesmo após a separação, participa acompanhando a filha. Quando indagada sobre sua rotina para participação da Festa ela aponta as dificuldades para acompanhar a filha e apresenta com clareza a força da divisão sexual do trabalho, que coloca as mulheres em uma situação de obrigatoriedade de algumas tarefas.

comecei a participar do terno ainda quando namorava, meu ex-marido nasceu no terno. Depois casei, separei e continuei indo por causa dos meninos. Minha filha gosta demais, mas meu filho só dançou quando era bem pequeno, agora não vai de jeito nenhum. Quando os ensaios começam é mais complicado, eu trabalho de segunda a sábado, e voltei a estudar à noite, só tenho o domingo pra organizar minha casa, durante a semana chego muito cansada, às vezes consigo passar roupa à noite, mas quando não dá fica tudo pro domingo. Mas eu gosto de acompanhar minha filha. Durante a Festa eu fico por conta dela no domingo e na segunda, que é feriado. Nos outros dias ela fica com as mulheres que acompanham os conguinhos. Acho que meu filho me puxou, eu gosto da Festa, mas nunca quis dançar, não gosto de dançar, mas gosto da

Festa. Eu já fui muito criticada por não dançar e não ajudar na Festa, mas eu trabalho muito, não tenho tempo, até a roupa do minha filha eu pago pra fazer, além do mais não tenho habilidade pra costurar nem bordar, mas a família do meu marido me criticava, porque eles reuniam pra fazer as coisas da Festa, eu quase nunca ia, aí eles falam que meu filho não gosta de ir porque eu não vou, e eu não obrigo ele ir não. (Informação verbal, pesquisa de campo, 2014)

O depoimento instiga várias reflexões, primeiramente, aponta um enfrentamento ao estabelecido pela ‘tradição’, que acaba sendo coercitiva, uma vez que se uma família segue determinadas práticas subentende-se que todos e todas da mesma família devem também seguir. O fato de Cida resistir a essas práticas vem ao encontro do que propõe Foucault (2002), que aponta o exercício do poder em que se opta por não ceder à coerção de se cumprir regras pré-estabelecidas.

Em segundo lugar, o relato expressa a real condição das mulheres na sociedade como um todo: trabalhadora, dona de casa, mãe e estudante. Há um acúmulo de funções, que foi se tornando comum às mulheres. O fato de a entrevistada não acumular mais uma função, que é a de trabalhar para a Festa, a coloca numa posição contrária à “ordem das coisas”, ou seja, ao modelo patriarcal que constituiu papéis para homens e mulheres. Ela poderia simplesmente resistir às coerções não participando da Festa, o que seria também uma forma de resistência, mas sua ação apresenta o conflito direto, apontando uma ressignificação do papel feminino.

Vale ressaltar que, a entrevistada é uma mulher que se inseriu no contexto da congada, ou seja, não nasceu em uma família de congadeiros, assim, pode-se pensar que sua postura não sofreu grande influência da tradição da congada, diferentemente das mulheres que sempre participaram dos ternos desde a infância. Entretanto, as transformações são reflexos da sociedade, desse modo, mesmo as mulheres que sempre participaram dos ternos demonstram que é necessário maior esforço para continuar nos ternos e se adaptar às transformações que ocorrem com o tempo. Como aponta a entrevista de uma dançadora de 31 anos do terno Moçambique Mamãe do Rosário:

meu pai começou a dançar, por causa do tio dele, aí ele levou muita gente, e nós crescemos participando do terno, dos três filhos eu sou a única que nunca deixou de dançar. Mas, desde pequena eu ia com minha mãe, ela nunca dançou, mas sempre ia. Hoje meu pai não participa como antigamente, ele fala que tá cansado. Quando nós era criança parece que era mais animado, na época da Festa a família ficava mais unida, quando ia fazer as roupas era tudo junto. Teve uma época que nós rezava o terço, fazia uma novena antes da Festa. Agora a gente não tem mais tempo, só encontra nos ensaios. Eu só tenho um filho, por enquanto ele participa porque ainda é pequeno, vamos ver quando ele crescer. Mas eu quero que ele participa, é muito bom, parece que a Festa é outro tempo,

a gente fica mais feliz, mais unido. Até as briga de família acaba durante a Festa (risos). Se a gente for deixar de participar porque é cansativo, os terno acaba, por isso que temos que incentivar as crianças. Porque quando a gente cansar vem outros no lugar, mas eu sempre vou participar. Igual minha mãe, mesmo não dançando ela sempre ajudou no terno. Hoje em dia todo mundo trabalha fora de casa, se a gente não tiver perseverança não faz nada, só fica por conta de trabalhar, cuidar de casa de filho. Muitas crianças até querem participar, mas tem mãe que não consegue acompanhar, ou tem preguiça mesmo (risos) eu faço o que posso, já bordei muita roupa, até pra quem não conhecia, fico com dó de ver os meninos querendo dançar. A vida é difícil, por isso a gente precisa de distração, de alegria, e pra mim, a Festa do Rosário é isso. (Informação verbal, pesquisa de campo, 2014)

Na fala dessa dançadora, nota-se o reconhecimento da importância do trabalho feminino nos ternos, sendo apresentado como uma ajuda, mas que exige grande esforço das mulheres para assumirem mais uma jornada. Dentre tantas atividades, está a confecção das fardas e capacetes que é um trabalho minucioso, cheio de detalhes, jogo de cores, como mostram as imagens a seguir. Além da costura, são dezenas de pedrarias coladas uma a uma, o que exige técnica e leva um longo tempo para ficarem prontas. Existe ainda o trabalho de reparo das fardas que estragam durante as apresentações.

O trabalho nos ternos está associado à tradição, algo que se torna comum de tanto ser realizado, uma repetição, dificultando assim as contestações. A influência do patriarcado é visível, pois, mesmo sendo o pai quem a colocou no mundo da congada, a referência que ela tem é da mãe e sua participação ativa no terno e, também, atribui a outras mães, e não aos pais, a responsabilidade da não participação de mais crianças. Há, então, uma associação da mulher ao trabalho doméstico, que se estendeu ao longo do tempo para a sociedade. A mulher cuidadora, responsável pela formação da prole em todas as esferas sociais, inclusive na cultura.

Não há uma proposta de redefinição de papéis para a manutenção dos ternos, e sim uma necessidade de adaptação ao contexto atual, em que as mulheres vêm acumulando funções. É uma apropriação cultural do modelo que se fez em consequência de uma sociedade regida pela divisão de papéis de gênero, organizando a vida e o trabalho. O caráter doméstico do trabalho marca a vida das mulheres, ele é essencial à reprodução social. Perrot (2013) afirma que as sociedades jamais poderiam sobreviver sem as mulheres. O que é bem aplicado aos ternos de congo, nos quais as mulheres atuam ativamente, porém, ainda estão nos bastidores, e seu trabalho, mesmo sendo essencial, ainda é visto como ajuda, um trabalho de apoio.

Nas conversas informais e nas entrevistas coletadas, todas as mulheres afirmaram que têm prazer em participar da Festa, e admitem que é necessário grande esforço para a

realização do evento. Quando questionadas sobre a visibilidade do seu trabalho, algumas apontam que o reconhecimento está no momento das apresentações, em que o público admira a riqueza na confecção das fardas, na comercialização dos alimentos nos eventos para arrecadar fundos, na satisfação dos participantes durante o café da manhã na alvorada, e/ou nos lanches e almoços oferecidos em diversas casas.

Desde sua origem a Festa do Rosário é realizada através do trabalho de homens e mulheres. Oriunda do século XIX, a Festa ainda traz influências de um período marcadamente opressor em relação às mulheres, apresentando resistência às mudanças ocorridas no papel feminino desde então. Até os dias atuais as mulheres ainda são maioria nos trabalhos dos bastidores da Festa, aqueles trabalhos relacionados ao espaço privado, ou seja, os trabalhos domésticos, que são menos visíveis ou ignorados no espaço público. Para se tornarem mais visíveis, as mulheres vêm ressignificando seu papel na Festa e também na sociedade, porém, ainda não se tem uma ruptura com o modelo patriarcal, que estabelece funções para homens e mulheres.

As mulheres nos ternos estão constantemente associadas ao trabalho doméstico, e, quando questionado sobre a importância das mulheres no terno, o capitão de um terno descreve o trabalho nos bastidores, afirmando, assim, a ligação feminina com o espaço menos visível, porém, reconhece que é esse trabalho que sustenta os ternos,

te falo que seria impossível eu conseguir comandar o terno sem a ajuda da minha mãe, que desde os ensaios está comigo, é ela quem faz um café, enquanto isso minha irmã varre a garagem, minha namorada arruma um enfeite para o altar. Sem contar que sem as mulheres, talvez o terço nem existisse. Além do mais tem muito terno que mesmo tendo um homem como capitão é a mulher quem é a força maior. Várias mulheres é quem conduzem os trabalhos. Tem terno que o capitão morreu e o filho assumiu, mas quem da força e apoio pro terno continuar é a mãe, disponibilizando o espaço para os ensaios, ajudando na confecção das fardas daqueles que não tem como fazer. Ou seja, a mulher é a força do terno. Ela honra a fé e a tradição. (Informação verbal, pesquisa de campo, 2014)

Nesse sentido, a fé e a tradição significam o cuidado, o zelar de alguém ou algo, e, na ordem patriarcal, esta função é destinada às mulheres. As práticas vividas e revividas passam a fazer parte do cotidiano tornando-se “naturais”, por isso é difícil romper com o modelo patriarcal, além do mais esse modelo também se reinventa diante das resistências, criando novas formas que mascaram a real condição feminina, que atualmente é de acúmulo de funções, e é somente assim que as mulheres conseguem adentrar novos espaços.

O trabalho das mulheres sempre foi essencial à manutenção da vida, como analisou Saffioti (2004),

entendido como imagens que as sociedades constroem do masculino e do feminino, não se pode haver uma só sociedade sem gênero. A eles corresponde uma certa divisão social do trabalho, conhecida como divisão sexual do trabalho, na medida em que ela se faz obedecendo ao critério de sexo. Isto não implica, todavia, que as atividades socialmente atribuídas às mulheres sejam desvalorizadas em relação às dos homens. Nas sociedades de caça e coleta, a primeira atividade cabe aos homens e a segunda às mulheres. Enquanto a coleta é certa, a caça é incerta. [...] A rigor, então, a sobrevivência da humanidade, felizmente variando no tempo e espaço, com esta divisão sexual do trabalho, foi assegurada pelo trabalho das mulheres. (SAFFIOTI, 2004, p. 58).

No que tange aos campos religioso e cultural, o reconhecimento da realidade feminina merece mais atenção, uma vez que a maioria das religiões e das manifestações culturais utiliza as mulheres como instrumento para conservar, promover e fazer avançar as “tradições” que aprisionam as próprias mulheres na invisibilidade e inferioridade em relação aos homens. É exatamente essa a realidade nos ternos de congo, desse modo, para terem mais visibilidade as mulheres adentram outros espaços, o que acontece lentamente, e a maioria age nos bastidores, e é esse espaço que merece maior visibilidade.

A importância da participação feminina na Festa é reconhecida por parte dos integrantes e dos expectadores, isso é inegável, porém, é diferenciada em cada dimensão da Festa: religiosa, econômica e cultural. O ponto em comum está no aprisionamento de homens e mulheres a certas atividades, o que não é característica própria da Festa, e sim de toda sociedade. Entretanto, isso não justifica aceitar tal condição, e a resistência não está somente no fato de não fazer, não participar, ou se isolar, criando grupos ou guetos somente femininos. A resistência também está na resignificação do papel feminino no espaço misto, feito por homens e mulheres.

A FESTA FEITA POR ELAS

É inegável que o olhar do pesquisador e/ou pesquisadora capta situações que podem passar despercebidas pelo senso comum, aliás, este é seu ofício, mas existem ações que não exigem conhecimentos teóricos, nem longas horas de observação em campo para se tornarem evidentes. Todos e todas que participaram da presente pesquisa apontaram que a participação das mulheres nas três dimensões da Festa do Rosário é essencial. Isso é fato,

mas o que o olhar da pesquisadora tentou alcançar foi a realidade dessas trabalhadoras, uma vez que a Festa é feita de trabalho.

Durante uma, entre tantas, caminhadas pelas ruas em torno do Largo do Rosário, no momento da Festa, as imagens, sons e cheiros revelaram um espaço dinâmico, rico para reflexões. Propositalmente, as leituras daquelas fontes remetiam à participação feminina. E elas estavam por toda parte. Eram mulheres comerciantes vendendo suas mercadorias e/ou cuidando da organização da barraca. Algumas com crianças de colo, preparando ali mesmo suas refeições. Outras, preocupadas com os filhos que haviam deixado em casa. Em frente à igreja, na estrutura erguida para o evento, havia mulheres correndo em passos miúdos, preparando o altar para a celebração da missa. A passagem de som se misturava com o toque das caixas de algum terno que se aproximava, tendo em sua composição várias mulheres que cantavam e dançavam alegremente.

Cada um e cada uma daqueles e daquelas que dançam em todos os ternos ali estão por meio do trabalho minucioso da confecção das fardas realizado por mulheres. Elas são responsáveis pela participação de todos e todas, nesse sentido, é comum a cena de mulheres que andam ao lado dos ternos, carregando água, protetores solares e chapéus para seus maridos, filhos ou “irmãos de congo”. expressão usada com frequência entre os participantes (Figura 2).

Conhecer e reconhecer a realidade do papel das mulheres nos ternos de congo é o objetivo principal desta pesquisa, para tanto foi necessário, primeiramente, compreender o papel das mulheres na sociedade, em seguida, entender a Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário e as dimensões que a formam, sendo elas: religiosa; comercial e cultural. Isto posto, a pesquisa constata que, na religião, em específico no catolicismo romano, as mulheres encontram maior resistência às mudanças. A igreja católica passou por uma restauração, e não por uma transformação no que tange ao papel feminino, mesmo a Teologia da Libertação, que foi um grande salto para o reconhecimento dos excluídos e que teve influências do movimento feminista, não conseguiu dar maior visibilidade às mulheres. Os laços com o patriarcado são muito fortes, e, aliados à religião, constituem uma barreira ainda difícil de ser ultrapassada.

Figura 2- (Mosaico de fotos: a) a Festa; mulher acompanhando terno; apresentação de ternos durante a missa; barracas – Catalão (GO)



Fonte: Pesquisa de campo (2014).
 Autora: Netto, M. J. T.

No que tange ao mundo do trabalho formal, as conquistas femininas foram bem mais expressivas, as mulheres aos poucos, adentram espaços denominados masculinos. A segunda onda do movimento feminista no Brasil, na década de 1970, foi incisiva para a intensificação feminina no mercado de trabalho formal. Concomitante, estava a reestruturação produtiva do capital e a flexibilização do trabalho, com a mão-de-obra em tempo parcial e o trabalho informal (sem direitos trabalhistas), essas áreas cooptaram o trabalho feminino. Há, então expressivo aumento da atuação das mulheres nos espaços públicos, alterando a constituição de um modelo do papel feminino, cada vez mais voltado para o denominado trabalho produtivo. Entretanto, as amarras com a divisão sexual do trabalho permanecem, assim, as mulheres são duplamente exploradas, pois assumem

funções menos remuneradas no mercado formal, e as “obrigatoriedades” com as tarefas domésticas persistem.

No campo cultural, também houve transformações em relação à participação feminina, como constatou a pesquisa. No entanto, mais importante que perceber as transformações, o presente estudo desencadeou, a partir dos ternos de congo e através do trabalho de campo, reflexões acerca da importância da participação feminina nas manifestações culturais. Durante a tabulação dos dados, as entrevistas, as imagens e as observações visuais registradas no diário de campo convergiam para compreensão da essência da realização da Festa do Rosário, que é o trabalho realizado nos bastidores do evento, tanto na parte religiosa, quanto cultural, a congada. Nessas duas dimensões, que foram as mais exploradas pelo estudo, a participação feminina é decisiva para a realização da Festa.

Contudo, a aproximação com a realidade do trabalho feminino na Festa permitiu compreender a essência da mesma, desencadeando algumas considerações. Primeiramente, a sociedade é movimento e todos os seus campos se interligam, uma vez que é formada por agentes sociais, com variados gêneros. Assim sendo, as coerções e os reflexos existem, bem como as resistências e suas várias facetas. Resistir a determinado modelo ou situação não está apenas na ruptura, mas, também, na resignificação de papéis, como o fato de mulheres e homens assumirem posições contrárias ao que se promoveu durante todo um processo histórico.

Outra constatação é que a resistência feminina ao patriarcado é fato, mas conquistar novos espaços ainda demanda esforço, as mulheres estão se movimentando cada vez mais, mas esse movimento não representa uma ruptura com a divisão sexual do trabalho. As mulheres assumem novas funções sem se desvencilharem do trabalho doméstico, este ainda as acorrenta. Associado ao espaço menos visível, o trabalho doméstico aprisiona as mulheres a uma invisibilidade social, o que não condiz com a realidade, pois, através da festa do Rosário, foi possível constatar que as mulheres são promotoras sociais, elas estão por toda parte, e agem concomitantemente no espaço privado e no espaço público.

Enfim, o estudo compreende que a luta por mais visibilidade das ações femininas não deve ser apenas uma luta das mulheres. Assim sendo, deverá fazer parte do movimento da sociedade na busca pelo reconhecimento das especificidades dos gêneros, isso sim é tornar visível a realidade feminina. Um dos caminhos é o estímulo a estudos direcionados à

reflexão acerca do modelo patriarcal, pois um reconhecimento amplo e consciente certamente trará mudanças cada vez mais significativas.

REFERÊNCIAS

ALVES-M., A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1998.

AMARAL, R. C. **Festa à brasileira**. 1998. 380 f. Tese (Doutorado em Antropologia) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998. 1999. 287p.

AZZI, R. A Igreja Católica no Brasil no período de 1950 a 1975. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, n. 2, nov. 1977.

CAMPOS, A. A. **Irmandades mineiras e missas**. Belo Horizonte: UFMG, 1985.

CHAUÍ, M. **O que é ideologia?** Brasiliense: São Paulo, 2001.

COSTA, C. L. **Cultura, religiosidade e comércio na cidade: a festa em louvor à Nossa Senhora do Rosário em Catalão (GO)**. 2012. 223 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

COYLE, K. **Maria na tradição cristã a partir de uma perspectiva contemporânea**. Tradução de Bárbara T. Lambert. São Paulo: Paulus, 1999. (Coleção Teologia Sistemática).

DEL PRIORI, M. (Org.). **História das mulheres do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2000.

ENGELS, F. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. São Paulo: Centauro, 2002.

FIORENZA, E. S. **Discipulado de iguais: uma eklesialogia feminista crítica da libertação**. Tradução de Yolanda S. Toledo. Vozes: Petrópolis, 1995.

FOUCAULT, M. A governabilidade. In: _____. **Microfísica do Poder**. 18. ed. São Paulo: Graal, 1979. p. 277-293.

FREIRE, M. S.; SOBRINHO, V. P. A figura feminina no contexto da inquisição. **Educere et Educare**, Cascavel: Unioeste, v. 1, n. 1, p. 53-58, jan/jun. 2006.

GEBARA, I. A mulher faz teologia. In: BINGEMER, M. C. et al. (Org.) **O rosto feminino da teologia**. Aparecida: Santuário, 1990.

GROPPO, L. A. O popular e o lúdico nas festas. In: _____. **Vamos para a festa!** Turismo e festa popular. Taubaté: Cabral editora e livraria universitária, 2005. 178 p.

HOBBSAWM, E.; RANGER, T. **A invenção das tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

LOURO, G.; DEL PRIORI, M. (Org.). **História das mulheres no Brasil**. Contexto: São Paulo, 2000.

PAIM, M. J. **Colégio Nossa Senhora Mãe de Deus**: inserção da mulher catalana no espaço público. 1996. 98 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão, Catalão, 1996.

PERROT, M. **Minha história das mulheres**. Tradução de Ângela M. S. Correa. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

ROSENDAHL, Z. **Primeiro a obrigação, depois a devoção**: estratégias espaciais da igreja católica no Brasil de 1500 a 2005. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

SAFFIOTI, H. B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SANTOS, M.. **Por uma Geografia nova**. São Paulo: EDUSP, 2008.

SCOTT, J. **Gênero**: uma categoria útil para análise histórica. Tradução de Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila, 2002. Disponível em: Acesso em: <http://www.google.scholar.google.com.br/scholar?q=SCOTT,+J.+Gênero:+uma+categoria+útil+para+análise+histórica.mar>. 2014.

SOUZA, M. M. **Reis negros no Brasil escravista, história da festa de coroação do rei Congo**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

WYSE, A. O. F. M. **No coração do Brasil, custódia do santíssimo nome de Jesus em Goiás**. Petrópolis: Vozes, 1989.

Recebido em: Novembro de 2015

Aceito em: Dezembro de 2015